

VONTADE DE VERDADE COMO EXERCÍCIO DE PODER: ENTRE NIETZSCHE E FOUCAULT

WILL TO TRUTH AS EXERCISE OF POWER: AMONG NIETZSCHE AND FOUCAULT

Israel Hordecete¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a noção de vontade de verdade sob o prisma de exercício do poder, a partir das considerações desenvolvidas por Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Michel Foucault (1926-1984). Neste contexto, a problemática diz respeito aos modos como a verdade se relaciona com o humano, tanto para compreender a existência, como denuncia Nietzsche, quanto para produções de discurso, como indica Foucault. Assim, buscar-se-á responder: “A vontade de verdade restringe a capacidade humana de interpretar a existência? E, ainda: quais os limites estabelecidos entre a verdade e o humano, para que este continue atuando sob a perspectiva da superação nietzschiana e da subjetivação foucaultiana?”. Com isso em vista, serão utilizadas as obras *A Gaia Ciência* (1882) e *Para a Genealogia da Moral* (1887), de Nietzsche, em que o autor aborda a vontade de verdade a partir do modo como esta se desenvolve em paralelo à filosofia socrático-platônica, além dos reflexos desta no cristianismo, que se configura em vontade de domínio no ideal ascético. Não obstante, será analisado o posicionamento de Foucault em *A Ordem do Discurso* (1971), interpretando a vontade de verdade enquanto regra do discurso que promove uma forma de exercício do poder dentro da sociedade e impede, por sua vez, a subjetivação do sujeito através do dizer-verdadeiro. Desse modo, será possível entrever, ainda, uma relação teórica que tange os modos como Nietzsche e Foucault avaliam a noção de vontade de verdade e os seus desdobramentos quando associados à figura humana em sociedade.

Palavras-chave: Domínio. Foucault. Nietzsche. Poder. Verdade. Vontade.

Abstract: The objective of this paper is to analyze the notion of the will to truth from the perspective of the exercise of power, based on the considerations developed by Friedrich Nietzsche (1844-1900) and Michel Foucault (1926-1984). Within this context, the problem concerns the ways in which truth relates to the human, both to understand existence as Nietzsche denounces, and to discourse productions as indicated by Foucault. Thus, it is sought to answer: “Does the will to truth restrict the human capacity to interpret existence? And yet: what are the limits established between truth and the human, in order that it continues to operate under the perspective of nietzschean overcoming and Foucault's subjectivation?” With this in mind, the works *The Gay Science* (1882) and *On the Genealogy of Morality* (1887), by Nietzsche, will be used. In those, the author approaches the will to truth from the way it develops in parallel with socratic-platonic philosophy, in addition to its reflections on Christianity, which is configured in the will to dominate the ascetic ideals. Nevertheless, Foucault's positioning in *The Order of Discourse* (1971) will be analyzed, interpreting the will to truth as a rule of discourse that promotes a form of exercise of power within society and prevents, by itself, the subjectivity of the subject through truth-telling. This way, it will be possible to glimpse, still, a theoretical relationship that tackles the ways in which Nietzsche and Foucault evaluate the notion of will to truth and its aftermath when associated with the human figure in society.

Keywords: Domain. Foucault. Nietzsche. Power. Truth. Will.

¹ Graduado e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), e doutorando pela mesma instituição. Bolsista CAPES. Contato: israel_hordecete@hotmail.com.

Introdução

O ponto central sob o qual se desenvolve a presente análise está localizado no conceito de vontade de verdade, trabalhado por Friedrich Nietzsche, sobretudo nas obras *A Gaia Ciência* (1882) e *Para a Genealogia da Moral* (1887), às quais nos detemos, além do diagnóstico elaborado por Michel Foucault em *A Ordem do Discurso* (1971), a respeito do mesmo conceito. A convergência nas análises de Nietzsche e Foucault é fundamentada a partir da forma como o humano é submetido à vontade de verdade a partir de instituições sociais que fortalecem este tipo de discurso.

Através da filosofia nietzschiana, é possível compreender a vontade de verdade como o instrumento sob o qual atua a metafísica, expressa por meio do cristianismo, enquanto forma de interpretação da realidade que preza pela ruptura do humano com o devir ou com as coisas propriamente humanas. Em outras palavras, o filósofo alemão identificará a vontade de verdade como forma de compreensão de mundo que rejeita o vir-a-ser e direciona o querer humano para a metafísica, em um ato de negação da vida e de esquecimento de si. A denúncia realizada por Nietzsche pretende oferecer ao humano vias de entendimento que o possibilitem se afastar da vontade de verdade, uma vez que ela prezaria pela massificação do que é individual e particular, de modo a instituir um controle da vontade humana com maior facilidade.

Deste modo, compreende-se como problema a atuação desta vontade que em Nietzsche também pode ser caracterizada como metafísica, uma vez que ela será interpretada como anulação do indivíduo, ao mesmo tempo em que valoriza as coisas extramundanas. Esta valorização, na filosofia nietzschiana, será identificada de modo evidente no cristianismo, mas que advém também da tradição socrático-platônica. Este “controle da vontade humana” indicado acima, pode ser visto em *Para a Genealogia da Moral*, através de uma “vontade de formar rebanho” (GM, *Terceira Dissertação* 18), em que o humano renuncia a princípios individuais e visa a coletividade: a vontade particular é submetida à vontade da maioria, que é guiada pelos interesses metafísicos de rejeição do que é terreno.

Ainda no que tange às análises nietzschianas, é possível identificar este problema de massificação do humano através da vontade de verdade, quando esta vontade se expande da metafísica para a ciência, atuando sob o mesmo pano de fundo: a busca por verdades absolutas. Neste caso, o humano também não poderia se salvaguardar a partir da ciência, uma vez que ela também estaria direcionada à interpretação do mundo

considerando a existência de verdades imutáveis e, portanto, também neste cenário o humano seria submetido à vontade de verdade que atua em diferentes planos da sociedade.

A partir do momento em que estas ideias são compreendidas, é possível localizar a forma como Foucault irá diagnosticar a vontade de verdade que, apesar de não seguir o plano de análise realizado por Nietzsche, poderá ser identificado considerando um mesmo objetivo, a saber, libertar o humano das amarras ditadas pela vontade de verdade. Isso, porque, em Foucault, essa verdade não atuará através da metafísica ou da ciência, mas através do discurso realizado pelas instituições sociais que visam, também, o controle da vontade humana.

Ocorre que, no pensamento foucaultiano, a vontade de verdade se expressa através de uma vontade de exclusão, na medida em que coloca à margem da sociedade aqueles que não são direcionados pela vontade de verdade instituída como única forma de verdade possível. Assim, seria por meio, por exemplo, de pedagogias de massificação ou até mesmo da prisão, que a vontade de verdade seria instituída como ordem correta do funcionamento social e os sujeitos que não se encaixam nesta vontade, acabam sendo retidos, reprimidos e, em última instância, forçados a fazerem parte deste discurso fortalecido pela vontade de verdade.

Atuando em duas frentes diferentes, Nietzsche em uma interpretação da existência com base no pressuposto de existência de verdades metafísicas que rejeitam a vida e o humano, Foucault por meio de uma análise das instituições sociais que controlam o indivíduo retirando a particularidade e impondo a necessidade de uma vontade de verdade, identificamos em ambos os pensadores a preocupação pela forma como o humano tem sido submetido diante da existência, como fraco e incapaz de interpretar a si mesmo e ao mundo de uma perspectiva que seja de valorização do mundo do qual faz parte.

Identificado este enfraquecimento enquanto problema desenvolvido tanto por Nietzsche quanto por Foucault, vemos a importância de destacar, em ambos os autores, além de relacioná-los, a forma de retirada do humano deste círculo social criado pela vontade de verdade, visto que os filósofos tratam da superação da vontade de verdade sob uma mesma perspectiva: o humano enquanto sujeito capaz de romper com esta vontade e se portar como particular, não massificado por verdades institucionalizadas e absolutas. Deste modo, Nietzsche é trabalhado a partir da ideia de afirmação de si, enquanto o pensamento de Foucault é analisado através da subjetivação do sujeito; em ambos os

casos, uma defesa do humano e do sujeito em suas particularidades, reconhecendo a importância de romper com as verdades absolutas advindas da metafísica e da ciência, no caso de Nietzsche, além da oposição às instituições sociais que engessam o sujeito e tiram deste o livre pensar, conforme as ponderações de Foucault.

Afirmção da vida e subjetivação do sujeito: oposições à vontade de verdade

A noção de vontade de verdade é desenvolvida por Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, através de seus respectivos diagnósticos do humano: em um primeiro momento, para o autor de *Zarathustra*, a vontade de verdade aparece como uma necessidade de conhecimentos inicialmente metafísicos, mas que pode ser vista, na Idade Moderna, como uma necessidade de conhecimentos científicos (GM, *Terceira Dissertação*, 24). Por outro lado, Foucault analisa a vontade de verdade sob a perspectiva crítica do sujeito que é submetido a discursos de domínio produzidos por essa vontade, sendo este domínio referente à dinâmica social, a exemplo do sistema penal, que tem em seu horizonte a sujeição do humano (FOUCAULT, 1996, p. 18-19).

No entanto, com diagnósticos distintos a respeito de um mesmo problema, parece haver entre Nietzsche e Foucault ao menos um ponto de similaridade: a intenção de denunciar a estrutura da vontade de verdade, indicando como esta necessidade afeta negativamente o humano. Este problema é visível em Nietzsche a partir do momento em que se compreende a metafísica, esta que oferece verdades imutáveis, como uma clara oposição à vida humana mesma, isto é, a vontade de verdade enquanto vontade de metafísica degenera o humano em um processo de negação de si e do vir-a-ser.

Foucault, apesar de construir sua crítica à vontade de verdade com objetivos diferentes, parece possuir um interesse compartilhado com Nietzsche: salvaguardar o sujeito que está exposto a uma sociedade que preza por esse tipo particular de verdade. Isso porque, para o filósofo francês, a vontade de verdade atua como máscara da própria verdade, esta que permitiria ao sujeito um dizer-verdadeiro e, portanto, sua subjetivação. Sob este ponto de vista, tanto Nietzsche quanto Foucault possuem, em seu horizonte teórico, a intenção de diagnosticar a vontade de verdade de modo que o humano passe a se distanciar desta estrutura construída para, em última instância, dominá-lo.

Desde *Humano, demasiado humano* (1878) é possível notar a oposição de Nietzsche aos princípios metafísicos que fundamentam a vida humana, o que representa também uma ruptura do autor com o romantismo de Wagner e com a metafísica de

Schopenhauer, amplamente referenciados no primeiro período de produção do autor². No entanto, suas críticas às verdades produzidas pela metafísica e o modo como a estrutura metafísica de verdade última é refletida na ciência, podem ser vistas em *A Gaia Ciência* (1882). É possível notar a preocupação nietzschiana em relação às ideias de verdade e conhecimento, por exemplo, desde o título da obra: *Die Fröhliche Wissenschaft*, que faz referência a uma *ciência alegre, feliz*, sem a preocupação de estabelecer de verdades imutáveis, mas que tem interesse, tão somente, no *processo* de busca por conhecimento.

Nesse sentido, é fundamental a análise do aforismo 344 desta obra, em que Nietzsche apresenta uma crítica direta à ideia de vontade de verdade, relacionando-a tanto aos aspectos metafísicos quanto aos científicos. Isso porque, segundo análise do autor, o conhecimento científico necessita de crença ou de pressupostos, tal como os que são oferecidos pelas verdades imutáveis da metafísica e, ao tratar-se da ciência, esse pressuposto é a existência inquestionável da verdade que pode ser alcançada; assim, há motivos para direcionar os esforços às verdades que, segundo se acredita, é papel da própria ciência definir:

vê-se que também a ciência repousa numa crença, que não existe ciência “sem pressupostos”. A questão de a *verdade* ser ou não necessária tem de ser antes respondida afirmativamente, e a tal ponto que a resposta exprima crença, o princípio, a convicção de que “*nada* é mais necessário do que a verdade, e em relação a ela tudo o mais é de valor secundário”. (GC, 344, grifo do autor)

É possível notar o tom irônico de Nietzsche ao indicar que o conhecimento científico é desenvolvido em cima do pressuposto de que existe *a* verdade e que a ciência é capaz de decifrá-la. Este tom nietzschiano é tão proposital quanto o título da obra e as denúncias realizadas pelo filósofo: há a intenção de zombar desta ciência que parece se opor aos princípios metafísicos quando, em verdade, está agindo sobre as mesmas crenças. Identificada esta vontade de verdade preliminar, por hora, é possível perceber como Foucault a denuncia através de uma análise histórica da produção dos discursos, ao afirmar que essa vontade de verdade que “atravessou tantos séculos de nossa história” (FOUCAULT, 1996, p. 14) emerge em um sistema de exclusão, que domina o humano e o sujeita ao próprio sistema.

² Segue-se a divisão de obras nietzschianas em três períodos, de acordo com a que é utilizada por Scarlett Marton no sumário de sua obra *Nietzsche: a Transvaloração dos Valores* (1996): Primeiro Período: (1870-1876/78); Segundo Período: (1876-1882/83); Terceiro Período: (1882-1888/89).

Em Nietzsche, como vontade de verdades absolutas, em Foucault como vontade que permeou a história humana e se expressa em um formato social que exclui e domina aqueles que não fazem parte ou utilizam deste discurso “verdadeiro”; em ambos os casos, denúncias desta vontade que de alguma forma tira o humano de sua realidade, pois pressupõe a existência de princípios imutáveis capazes de alterar o entendimento da realidade. E, é nesta esteira interpretativa que Nietzsche continua suas críticas, em *A Gaia Ciência*, estreitando a relação entre o conhecimento científico e a metafísica:

não há dúvida, o homem veraz, no ousado e derradeiro sentido de que a fé na ciência pressupõe, *afirma um outro mundo* que não o da vida, da natureza e da **história**; e, na medida em que afirma esse “outro mundo” – não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo, *nosso mundo?*... Mas já terão compreendido aonde quero chegar, isto é, que a nossa fé na ciência repousa ainda numa *crença metafísica* [...]. (GC, 344, grifo do autor, negrito nosso)

Com este trecho, é possível notar qual é de fato a preocupação nietzschiana em relação à vontade de verdade: perpetuar uma tradição que esteve encarregada de negar o devir desde a Idade Antiga³, se fortaleceu durante a Idade Média e agora encontra uma nova forma de manter suas raízes influentes atuando sob a vida humana: a tradição socrático-platônico-cristã⁴. Isso porque, a finalidade desta tradição é realizar o mesmo movimento teórico descrito acima por Nietzsche, em referência à ciência, isto é, definir a existência de uma verdade a ser desvelada e, mais, a existência de um outro mundo do qual extrair as verdades e, em contrapartida, negar o mundo em que se vive, visto que este não é o suficiente, pois produz verdades mutáveis.

Neste momento é possível perceber como a crítica de Nietzsche à tradição ocidental alcança também a ciência moderna, uma vez que a ciência passa a se desdobrar como área de conhecimento que interfere no modo como o humano entende a vida e a

³ Esta crítica de Nietzsche fica bastante evidente no capítulo *O Problema de Sócrates*, de *Crepúsculo dos Ídolos*, em que o autor se dedica a analisar os motivos que levaram Sócrates a afirmar a superioridade da razão e a forma como Platão reproduz esta iniciativa. Ocorre ainda, a partir de Platão, um problema que Nietzsche identifica como “patológico”, no que diz respeito à interpretação da “razão = virtude = felicidade” (CI, *O Problema de Sócrates*, 10).

⁴ A extensão desta tradição possui como fio condutor a exaltação à racionalidade, com Sócrates, e se desdobra em Platão a partir da razão como capacidade humana de acessar verdades imutáveis que definem o mundo humano como imperfeito justamente por causa do vir-a-ser da existência. É nesta esteira de racionalização da vida humana que Nietzsche diz atuar também o cristianismo, adicionando o elemento da crença em um ser que reúne todas as Verdades em Si, o que caracteriza uma personificação do que se deve almejar com a negação da vida; é pontualmente contra esta tradição que Nietzsche está desferindo críticas através da noção de vontade de verdade, isto é, contra “[...] aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina...” (GM, *Terceira Dissertação*, 24).

realidade, sobretudo ao se considerar o cristianismo enquanto instituição que age diretamente contra a vida humana. E, a partir deste cenário de manipulação da realidade a partir de uma perspectiva que pretende estabelecer a vontade de verdade como parâmetro da existência, é que encontramos a crítica de Foucault uma vez mais, definindo esta vontade como exclusão do sujeito, que passa a ficar à margem, pois está fora deste jogo da vontade de verdade:

ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. (FOUCAULT, 1996, p. 17)

É visível o esforço de Nietzsche e Foucault para estender a vontade de verdade às instituições sociais, responsabilizando-as pela interferência no modo do ser humano de compreender e interpretar a existência. Não obstante, evidencia-se a leitura de Foucault sob o viés prático de atuação do sujeito dentro da sociedade, visto que há uma relação direta entre a vontade de verdade e a sujeição do humano ao sistema de exclusão em que vive. Este sistema que, como sinaliza o filósofo francês, age através de uma repetição das ações, como que especializando, *mecanizando* os processos sociais que serviriam para promover a subjetivação do humano.

Neste cenário construído por Foucault contra o suporte institucional utilizado pela vontade de verdade, alinharemos as críticas de Nietzsche ao cristianismo enquanto religião que propaga a verdade absoluta de forma a influenciar diretamente na vida humana. Este movimento teórico servirá para demonstrar como ambos os filósofos estão aqui atuando sob o mesmo pano de fundo, ou seja, denunciando as instituições sociais que de uma forma ou de outra acabam por transformar a vontade de verdade em ferramenta de domínio e de representação do poder, que tem por finalidade o controle social.

Se é em *A Gaia Ciência* o momento de aproximação entre a verdade metafísica e a verdade científica, é em *Para a Genealogia da Moral* (1887), que Nietzsche realizará um diagnóstico minucioso a respeito da forma de atuação do cristianismo, que possui a ideia de verdade como ferramenta teórica. De maneira contundente, é na *Terceira Dissertação* da obra o momento em que Nietzsche traz a vontade de verdade

relacionando-a ao ideal ascético⁵, para criar uma ponte de crítica entre este ideal e o problema de busca insaciável por verdades absolutas.

Além disso, se o diagnóstico de Nietzsche e Foucault nos conduz a uma interpretação da vontade de verdade como ferramenta de domínio humano através de uma representação do poder, o ideal ascético se apresenta com excelência para este enlace, visto que o asceta é a figura que domestica o rebanho através do seu discurso *verdadeiro*. Sob a estrutura da religião, o ideal ascético não teria outro objetivo senão o de controle humano, motivo pelo qual a relação entre a vontade de verdade e o cristianismo aparece com tanta evidência no próprio ideal ascético, este conjunto de práticas que visa o desligamento do humano e da vida mesma, fazendo-o negar a existência em prol da metafísica:

e de fato, o sacerdote ascético não hesitou em tomar a seu serviço toda a matilha de cães selvagens que existe no homem, soltando ora um, ora outro, sempre com o mesmo objetivo, despertar o homem da sua longa tristeza, pôr em fuga ao menos por instantes a sua surda dor, sua vacilante miséria, e sempre sob a cobertura de uma interpretação e “justificação” religiosa. (GM, *Terceira Dissertação*, 20)

Se antes foi apresentado o diagnóstico nietzschiano da vontade de verdade, aliado à análise de Foucault, que traz o elemento da exclusão do sujeito, agora é possível reconhecer a existência do domínio das ações humanas por parte deste tipo de verdade que possui, como indica Nietzsche, repertório religioso para justificar suas ações. O que em um primeiro momento apareceu como *formas de domínio*, avança agora para uma *utilização da verdade como forma de expressão da vontade dominante*, sendo esta vontade dominante, além de vontade de verdade/metafísica, vontade de aniquilação do que é oposto a essa interpretação, no caso de Nietzsche, ou vontade de sujeição do indivíduo às normas sociais que se passam a se estruturar.

Ao apresentar o modo como os ideais ascéticos se desenvolvem, quer dizer, a partir desta “justificação” religiosa, Nietzsche demonstra como as ações humanas são

⁵ A crítica de Nietzsche aos ideais ascéticos é fundamental para o horizonte no qual o diagnóstico do filósofo alemão e de Foucault se desdobram, pois acrescenta a representação desta vontade de verdade que está sendo amplamente criticada. Isso porque, como fundamentará Nietzsche nos primeiros aforismos da *Terceira Dissertação*, os ideais ascéticos funcionam através de uma criação de objetivos direcionados ao *nada*, à própria metafísica. Nesses termos, esses ideais reuniram tanto as intenções da tradição ocidental, isto é, de racionalização e da busca por verdades imutáveis, quanto o próprio princípio de vontade de verdade: verdades absolutas a *todo* custo, inclusive ao custo da própria negação da existência: “Por quais meios o ideal ascético e seu principal representante, o sacerdote disfarçado de pensador, têm preponderado na atividade filosófica? Através da moral e da vontade de verdade.” (ONATE, 1996, p. 14).

claramente controladas por princípios metafísicos que se erigem em verdades absolutas. Isso porque, para o filósofo alemão, é evidente a influência que a interpretação cristã da existência possui sob o humano e, de modo geral, assim também aparece a vontade de verdade em Foucault, isto é, através de uma supressão do sujeito através do poder que este tipo de verdade imutável, que este tipo de discurso, oferece aos que o dominam: “Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção.” (FOUCAULT, 1996, p. 18).

Para Foucault, a expressão de poder ocorre na ordem do discurso, que age em defesa da vontade de verdade ao mesmo tempo em que repudia o dizer-verdadeiro que de subjetivação do sujeito; para Nietzsche, o poder se expressa através deste ideal ascético⁶, que é justificado a partir do cristianismo, religião que carrega em si a responsabilidade de afastar o humano da vida, afirmando a existência de verdades que podem salvá-lo dos pecados que o próprio cristianismo estabelece como existentes. Este *jogo cristão* que se direciona às massas é, para o autor de *Zarathustra*, o grande problema do tipo de verdade que está sob denúncia:

[...] em todas as grandes religiões, a questão principal sempre foi combater uma certa exaustão e gravidade tornada epidemia. Podemos de antemão ter como verossímil que de tempos em tempos, em determinados lugares da terra, um *sentimento de obstrução fisiológica* deve quase que necessariamente apossar-se de vastas massas, o qual, no entanto, por falta de **saber fisiológico** não penetra na consciência, de modo que seu “motivo”, seu remédio, pode ser procurado e experimentado tão somente no domínio psicológico-moral (– e esta é minha fórmula mais geral para o que comumente é chamado de “religião”). (GM, *Terceira Dissertação*, 17, grifo do autor, negrito nosso)

⁶ Apesar de fugir do escopo deste trabalho, não podemos deixar de mencionar a relação estabelecida por Nietzsche entre o ideal ascético e a vontade de verdade quando associados a um dos conceitos fundamentais da produção nietzschiana: a vontade de poder. Isso porque, para o filósofo, a própria vontade de verdade que se expressa através do sacerdote ascético, seria uma das formas de expressão da vontade de poder. Porém, as interpretações da vontade de poder que se direcionam ao mundo devem atuar em movimento aberto para sempre possibilitar novas interpretações, o que possibilita interpretação que se colocam como absolutas e tendem a romper com a abertura da vontade de poder. Podemos mencionar, a título de exemplo: “A forma mais frequente em que a alegria é assim prescrita como meio de cura é a alegria de *causar* alegria [...]; no fundo, ao prescrever “amor ao próximo”, o sacerdote ascético prescreve uma estimulação, embora em dosagem prudente, do impulso mais forte e mais afirmador da vida – da *vontade de poder*.” (GM, *Terceira Dissertação*, 18, grifo do autor). A prudência no estímulo do impulso afirmador da vida é fundamental para o sacerdote ascético, assim como apenas um cão selvagem que habita o homem é solto por vez, para o que o humano continue sob a *proteção* dos ideais ascéticos.

É interessante ressaltar a oposição estabelecida por Nietzsche entre o que é fisiológico e o que é psicológico-moral (ou religioso), visto que o filósofo tem apreço pela fisiologia, quando esta é associada à ideia de que o corpo, ou seja, o que é humano, terreno, devir, tem tanto a dizer quanto o que é de ordem racional e metafísica. No entanto, o que Nietzsche identifica como “sentimento de obstrução fisiológica” seria oriundo justamente de uma tentativa de controle do humano através de fundamentações religiosas *verdadeiras*; neste cenário é possível apresentar o questionamento realizado por Foucault, que leva a aprofundar o problema da vontade de verdade enquanto discurso que preza pelo domínio: “[...] na vontade de verdade, na vontade de dizer este discurso verdadeiro, o que está em jogo senão o desejo e o poder?” (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Portanto, como já definido, a vontade de verdade em Foucault é essa instância do discurso que representa da expressão do poder na sociedade através da exclusão de outras formas de discurso e, para tanto, utiliza-se das próprias instituições sociais para mascarar suas intenções. Essa situação aparece, em Nietzsche, como vontade de verdade absoluta, que tem a pretensão de invalidar outras formas de interpretação de mundo sendo, seu expoente, tanto a ciência moderna quanto o cristianismo. E, com o acréscimo do *saber fisiológico*, Nietzsche parece apontar para um caminho interpretativo da existência que seja alternativo à busca pela verdade que é, também, busca pela metafísica⁷.

Em continuidade ao seu diagnóstico, Nietzsche parece mais do que querer denunciar o cristianismo e sua forma de domínio através do poder que é representado pela verdade, pois quer também apresentar a fragilidade sob a qual a religião fundamentou sua interpretação da existência. Isso significa, para Nietzsche, apresentar a ruína que está interligada à instituição que se encarregou que dominar a interpretação da existência, a fim de renovar os caminhos de interpretação da vida e, em última instância, romper com a ideia de vontade de verdade propagada pela tradição ocidental.

Desde *A Gaia Ciência* Nietzsche oferece indícios da decadência de uma instituição que utiliza como base a vontade de verdade. Neste viés, Nietzsche procura

⁷ Questões relacionadas à fisiologia passam a ser evidenciados a partir de seu segundo período de produção filosófica, em uma intenção de indicar as coisas humanas como oposição à própria metafísica. Neste sentido, os impulsos, a vontade e o próprio devir relacionados ao ser humano passam a ser ferramentas às quais Nietzsche confere capacidade de criação de valores, para ressaltar que o que é terreno e instintivo, valoriza a vida ao invés de rejeitá-la, como faz a metafísica: “Firmemente ancorado nessas considerações fisiológicas, Nietzsche parece concluir que o caráter, o tipo de cada homem é plasmado a partir de instintos dominantes [...]. Decorre daí que as apropriações morais de indivíduos e grupos sejam considerados meros sintomas resultantes, signos opacos da efetividade corporal [...]” (ONATE, 1996, p. 23). Significa, portanto, que as interpretações morais do mundo não são mais do que impulsos fisiológicos direcionados a uma compreensão do mundo mesmo, sem qualquer caráter suprassensível.

demonstrar como a vontade de verdade pode arruinar suas próprias estruturas, à forma como o filósofo alemão, ao criticar a metafísica, utiliza dos próprios princípios metafísicos para fundamentar suas críticas. Não seria diferente com a moral cristã que, ao firmar sua crença e sua vontade de domínio na vontade de verdade, não foi capaz de perceber que este ímpeto a levaria ao seu próprio declínio. Esta questão, levantada por Nietzsche em *Para a Genealogia da Moral*, sob a pergunta: “O que, pergunta-se com máximo rigor, venceu verdadeiramente o Deus cristão?” (*Terceira Dissertação*, 27, grifo do autor), foi respondida, como dito – e utilizada pelo autor neste mesmo aforismo – em *A Gaia Ciência*:

a própria moralidade cristã, o conceito de veracidade entendido de modo sempre mais rigoroso, a sutileza confessional da consciência cristã, traduzida e sublimada em consciência científica, em seio intelectual a qualquer preço. [...] explicar as próprias vivências como durante muito tempo fizeram os homens pios, como se fosse tudo providência, tudo aviso, tudo concebido e disposto para a salvação da alma: isso agora *acabou*, isso tem a consciência *contra* si, [...]. (GC, 357)

O cenário construído pelo cristianismo para elevar sua interpretação da existência e fundamentar críticas às outras perspectivas, este cenário que caminho rumo às verdades imutáveis personificadas em Deus, acabam por minar os próprios princípios cristãos. Sendo assim, a própria busca por verdade acaba por ruir com a vontade de verdade, pois torna-se uma atividade que esgota o espírito humano, colocando a verdade e a “consciência” da busca pela verdade, “contra si mesma”. Parece, desta forma, que a condição para que os princípios imutáveis da metafísica e a vontade de verdade do cristianismo entrem em decadência, é a existência destes mesmos princípios.

Quando levamos esta discussão a Foucault, podemos identificar um distanciamento teórico dos filósofos, visto que para o filósofo francês o que ocorre na vontade de verdade é uma oposição direta à própria noção de verdade, sem o ímpeto de domínio do sujeito através do poder, mas a verdade que liberta, que fomenta o processo de subjetivação. É evidente que esta forma de dizer-verdadeiro tem compromisso com a verdade, mas seu objetivo final não é este; a intenção da verdade que se opõe à vontade de verdade é realmente o processo de libertação do sujeito através do discurso, a

apropriação da palavra, o comunicar que através do discurso, *modifica, transforma*, processo de ruptura com o falar que *exclui e domina*⁸.

Assim, podemos ver um esgotamento da vontade de verdade em Nietzsche quanto em Foucault, sendo relevante ressaltar o destaque que ambos dão ao sujeito que sofre dos efeitos negativos, seja da verdade enquanto metafísica que nega a existência, seja do discurso que exclui e possui base em instituições sociais. Com isso em vista, podemos considerar os recursos teóricos que Nietzsche nos oferece em *Para a Genealogia da Moral*, para oferecer estrutura ao que foi iniciado no aforismo supracitado de *A Gaia Ciência*. Romper com a vontade de verdade, ou entender como esta ruptura ocorre a partir da própria busca pela verdade, acaba por oferecer novas formas de interpretação da vida, libertando o humano deste poder religioso que dominou a tradição ocidental e acabou estabelecendo como regra a rejeição do devir. Neste contexto, dirá Nietzsche:

todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de autossupressão: assim quer a lei da vida, a lei da *necessária* “autossuperação” que há na essência da vida – é sempre o legislador mesmo que por fim ouve o chamado: “*pater eilegem, quam ipse tulisti*” [sofre a lei que tu mesmo propuseste]. [...]. Depois que a veracidade cristã tirou uma conclusão após a outra, tira enfim sua *mais forte conclusão*, aquela *contra* si mesma; mas isso ocorre quando coloca a questão: “*que significa toda vontade de verdade?*”. (GM, *Terceira Dissertação*, 27, grifo do autor)

Outrora a vontade de verdade foi um ímpeto inquestionável, um ato colocado pela religião como natural, como que um impulso da natureza humana que, sendo assim, é inquestionável: a vontade de metafísica é uma ação incondicional, incontestável e inquestionável. Porém, o diagnóstico nietzschiano nos abre um novo horizonte: este em que a vontade de verdade toma consciência de si, este em que o cristianismo se opõe a si e, em última instância, este em que a vontade de verdade se pergunta: *para quê?* Quando o estigma humano de que a vontade de verdade ou de que a própria metafísica devem oferecer ao ser humano as leis e as perspectivas de interpretação da existência deixa de existir, Nietzsche define como momento em que a própria moral cristã e, mais, o

⁸ Esta ruptura com a vontade de verdade que em Nietzsche ocorre através deste próprio princípio, em Foucault aparece com a verdade descrita do seguinte modo: “[...] em uma forma discursiva que, mesmo estando no verdadeiro, não vê na verdade do que diz seu maior valor, mas sim na modificação que este dizer produz tanto naquele que fala quanto naquele a quem se fala.” (NOTO, 2010, p. 24). Esta definição nos leva, evidentemente, ao conceito de *parrhesia*, o qual não nos deteremos, considerando o recorte metodológico deste trabalho, que visa desenvolver a problemática em torno da vontade de verdade como expressão de poder e domínio.

cristianismo enquanto religião que concentra em si o modo de olhar pra vida ditado através da tradição ocidental, perdem seu poder de domínio sobre o humano.

Este voltar-se para si, movimento realizado agora pela vontade de verdade, é identificado por Nietzsche como um ato grandioso da própria verdade voltada contra si própria, sobretudo porque este ato de questionar a si nunca havia se concretizado. Por séculos, durante a tradição metafísica, os ideais de interpretação da existência através da pressuposição da verdade foram aceitos como perspectivas acabadas e, por isso, corretas. Porém, sabe-se que a proposta de Nietzsche em *Para a Genealogia da Moral* é se perguntar sobre o valor do valor e isso não seria diferente para o valor da verdade. Neste sentido, as bases da metafísica passam a ruir a partir do momento em que este questionamento: *buscar a verdade por quê?*, acaba ecoando mais do que: *a busca pela verdade é o maior valor do humano*. Este é o cenário que leva o filósofo alemão à conclusão:

[...] que sentido teria nosso ser, senão o de que em nós essa vontade de verdade toma consciência de si mesma *como problema?*... Nesta gradual consciência de si da vontade de verdade – disso não há dúvida – perecerá doravante a moral: esse grande espetáculo em cem atos reservado para os próximos dois séculos da Europa, o mais terrível, mais discutível e talvez mais auspicioso entre todos os espetáculos... (GM, *Terceira Dissertação*, 27)

Nietzsche trata este acontecimento como um “grande espetáculo”, por considerar o declínio da vontade de verdade como o declínio da própria moral criada por essa necessidade de verdade. Algo desta magnitude não poderia passar despercebido, visto que é a demarcação da decadência da metafísica enquanto verdade última e, por conseguinte, decadência também da ciência moderna, que se levantou, como visto, sob o mesmo ideal de verdade imutável.

Finalmente, este parece ser o momento em que Nietzsche e Foucault se dedicaram a encontrar, não como resposta final ao problema da verdade e do entendimento de mundo, mas como alternativa ao que a história e a tradição ofereceram, isto é, um caminho em que o sujeito tenha o poder da palavra sem que seja sujeitado às instituições; caminho em que o humano pode interpretar a vida a partir do devir da existência, como radical oposição à imutabilidade da metafísica. É neste horizonte teórico que Nietzsche afirma: “[...] todo acontecimento do mundo orgânico é um *subjugar* e *assenhorear-se*, e todo subjugar e assenhorear-se é uma nova interpretação, um ajuste, no qual o ‘sentido’ e a

‘finalidade’ anteriores são necessariamente obscurecidos ou obliterados.” (GM, *Segunda Dissertação*, 12, grifo do autor). Assim, enfim, a vontade de verdade questionada através de si mesma inaugura um novo horizonte de interpretações em que a metafísica está em ruínas, o sujeito está apto a realizar o dizer-verdadeiro e, portanto, o vir-a-ser nietzschiano e a subjetivação foucaultiana parecem ser possíveis.

Considerações finais

Diante deste cenário problemático levantado por Nietzsche e debatido por Foucault a partir de uma nova perspectiva, a noção de verdade de verdade reverbera sob interpretações que a caracterizam como fundamentalmente insustentável para o humano. Isso porque, em ambos os autores há um projeto de elevação do ser humano, seja sob a valorização da vida em oposição à metafísica, ou sob a construção do sujeito que não deve estar submetido à exclusão de um discurso que se coloca dominante.

O problema que se fará presente nos autores é a utilização da vontade de verdade por instituições sociais que, fortalecendo a ideia de busca por verdades imutáveis que regem a sociedade, acabam por dominar o humano tanto em sua forma de agir quanto em sua forma de pensar. Estas questões levarão Nietzsche a trabalhar, em sua genealogia, com a moral de senhor e de escravo, em que a interpretação mais forte acaba por dominar e enfraquecer suas oposições. Este debate levará à problematização do ideal ascético que, estruturado na religião, domina o humano e o impede de se desligar destas verdades imutáveis, sejam religiosas e científicas.

Já em Foucault, a própria noção de *parrhesía* aparece como uma ruptura com a vontade de verdade que controla o discurso e domina o humano através da exclusão, momento em que o filósofo destaca instituições pedagógicas como fonte do fortalecimento desta dinâmica excludente. Sendo assim, a defesa foucaultiana aparece em forma de busca por um dizer-verdadeiro que não tem compromisso exclusivo com a verdade, apesar de atuar sobre ela; a intenção é, em última instância, modificar o sujeito, melhorá-lo considerando sua subjetividade, que não deve ser *massificada* pelas instituições.

Com isso, enfim, dentro todas as aproximações e distanciamentos, é possível compreender que Nietzsche e Foucault se esforçaram em defender a capacidade humana de interpretar o mundo de modo livre, em oposição às forças de domínio que se fortaleceram ao longo da história. As fundamentações nietzschianas e foucaultianas

acabam elevando o nível das discussões que permeiam o sujeito, sobretudo por considerarem de vital importância as discussões que confrontam as instituições sociais convencionalmente aceitas. E, como visto, em Nietzsche e Foucault é evidente uma *contra-vontade*, que se opõe à dominação que nega a vida e exclui o sujeito, para fortalecer o que durante toda a tradição foi esquecido: o próprio ser humano.

Referências

- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- MARTON, S. *Nietzsche: a Transvaloração dos Valores*. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zarathustra: um Livro para Todos e para Ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Genealogia da Moral: uma Polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Humano, demasiado Humano: um Livro para Espíritos Livres*. Trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NOTO, C. S. Vontade e Verdade em Foucault. *Philosophos*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 11-28, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/9084/pdf>>. Acesso em: 06, jul. 2020.
- ONATE, A. M. Vontade de Verdade: uma abordagem genealógica. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 1, p. 07-32, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7916/5455>>. Acesso em: 17, jun. 2020.

Recebido em: 03/09/2020
Aprovado em: 18/12/2020